

Muito pouco, muito tarde: Promessas quebradas de Sirleaf às mulheres Liberianas

Via [ROAPE](#)

Em uma declaração pública em agosto, a presidente liberiana Ellen Johnson Sirleaf – a primeira mulher eleita chefe de Estado da África – prometeu fazer campanha ativa para candidatas femininas que concorrerão às eleições presidenciais e legislativas em outubro. Embora o seu pronunciamento possa parecer louvável, é muito pouco, muito tarde.

Nas eleições deste ano – a terceira desde o fim de um devastador conflito armado de 14 anos – apenas 163 dos 1.026 (16%) candidatos aprovados são mulheres, incluindo uma candidata à presidência em um campo lotado de mais de 20 homens. Isto representa apenas um aumento marginal desde 2005 e 2011, quando as mulheres responderam por 14% (110/762) e 11% (104/909) dos candidatos, respectivamente.

Durante uma reunião com 152 candidatas femininas, Sirleaf lamentou o número abismalmente baixo de mulheres em cargos eleitos. Em 2005, quando ela triunfou sobre o jogador de futebol George Weah em um duelo pela presidência, apenas 13 mulheres foram eleitas para a legislatura nacional. Esse número caiu para oito em 2011, quando a presidente garantiu um segundo mandato para liderar a Libéria. Há uma forte probabilidade de que menos mulheres ganhem assentos em 10 de outubro.

Isto é tanto o que Sirleaf está fazendo quanto um reflexo do sistema político liberiano, que é extremamente patriarcal. Nos últimos 12 anos, ela não fez quase nada para posicionar as

mulheres de forma favorável para ganhar votos.

Em 2009, quando as mulheres políticas solicitaram à Sirleaf que apoiasse uma mulher de seu partido durante uma eleição para substituir uma senadora falecida, ela fez campanha em favor de um homem (a candidata apoiada pela Sirleaf acabou perdendo para uma mulher da oposição).

Embora uma emenda à lei eleitoral de 2014 incentive os partidos políticos a aumentar sua representação de mulheres em cargos de liderança, o próprio Partido da Unidade de Sirleaf está abaixo dos partidos menores e menos proeminentes na frente de candidatas femininas este ano.

Em nomeações políticas de alto nível, Sirleaf também falhou com as mulheres. Embora ela tenha contratado algumas tecnocratas para cargos executivos em anos anteriores, apenas quatro de seus 21 funcionários de gabinete são mulheres, com os ministérios estratégicos de finanças, obras públicas, educação e comércio liderados por homens relativamente inexperientes e subqualificados, em parte devido à resposta morna da Sirleaf a um projeto de lei de equidade de gênero na política semelhante aos que impulsionaram as mulheres em Ruanda, Senegal e África do Sul para altos cargos públicos. Quando, em 2010, a bancada legislativa feminina liberiana patrocinou uma lei que determinava que as mulheres ocupassem pelo menos 30% da liderança dos partidos políticos com um fundo fiduciário estabelecido para financiar suas campanhas eleitorais, Sirleaf não apoiou ativamente a lei proposta e ela nunca foi ratificada. Quando um projeto de lei menos radical, atribuindo cinco cadeiras para mulheres em círculos legislativos especiais, foi rejeitado como “inconstitucional” pelos legisladores em sua maioria homens este ano, Sirleaf permaneceu conspicuamente silenciosa.

Apesar dessas falhas gritantes, muito tem sido tocado sobre a cruzada Sirleaf pelo empoderamento das mulheres antes e depois de assumir a presidência, com uma vitória do Prêmio Nobel da

Paz em 2011 servindo como o último selo de aprovação.

As líderes de torcida da Sirleaf podem ter algumas, mas não completas, razões para comemorar. Sua administração construiu ou renovou centenas de mercados em todo o país para milhares de mulheres comerciantes informais chamadas “market women” – o maior eleitorado votante da presidente liberiana.

Sirleaf também instituiu políticas para proteger mulheres e meninas da agressão masculina – incluindo a implementação da lei anti violação mais abrangente da África, com o estabelecimento de uma corte especial acelerada para lidar especificamente com a violência baseada no gênero.

Apesar da existência do tribunal, no entanto, permanecem lacunas no acesso à justiça para as mulheres e meninas liberianas, incluindo a falta de instalações forenses viáveis. O recente fracasso das autoridades liberianas em investigar e processar rapidamente o suposto estupro de uma menina de 13 anos por um membro titular do legislativo nacional é um exemplo claro da incapacidade do governo Sirleaf de lidar com a violência sexual. O sistema legal duplo da Libéria – tradicional e estatutário – também apresentou desafios significativos na implementação da lei sobre estupro. Além disso, uma década após a criação do tribunal para agilizar os casos de violência baseada no gênero, ele permanece na capital, Monróvia, e inacessível à maioria das mulheres em todo o país.

Além disso, a pessoa nomeada por Sirleaf em maio e aprovada pelo legislador para presidir o tribunal, Serena Garlawolu, ficou em registro endossando a mutilação genital feminina (MGF), dizendo que a prática “não é uma violação dos direitos de ninguém culturalmente”. As ativistas dos direitos da mulher liberiana pediram para criminalizar o procedimento prejudicial, mas a proibição proposta foi omitida de uma Lei de Violência Doméstica aprovada recentemente.

Femocracia

Embora o histórico de Sirleaf sobre o empoderamento socioeconômico das mulheres continue sendo contestado, seu histórico sobre o aumento da estatura política das mulheres liberianas é terrivelmente inadequado. Sua marca de femocracia – um termo cunhado pela estudiosa feminista nigeriana Amina Mama – asfixiou severamente a participação política das mulheres.

Mama faz uma distinção importante entre feminismo e femocracia, argumentando que enquanto o feminismo tenta quebrar o teto de vidro político, a femocracia deliberadamente o mantém intacto. Sua preocupação de 1995 com as primeiras mulheres africanas como feminocratas continua relevante agora que a África pode se orgulhar de mulheres presidentes, incluindo Sirleaf e a ex-chefe de estado de Malawian Joyce Banda.

A superglorificação de Sirleaf como um ícone feminista é particularmente preocupante desde que sua presidência de 12 anos serviu aos interesses de um pequeno grupo de elite de mulheres e homens na política e assim manteve as normas patriarcais de longa data na Libéria. Isto é particularmente evidente na defesa do nepotismo de Sirleaf (ela nomeou três de seus filhos para altos cargos no governo), fracasso no combate à corrupção e reciclagem contínua da maioria dos funcionários do governo masculino. Outros desafios de desenvolvimento que têm ligações feministas intersetoriais com as capacidades das mulheres de participar plenamente da política em nível comunitário e nacional foram comprometidos ou ignorados, incluindo o direito à educação de mulheres jovens e meninas livres de coerção e exploração sexual.

Recentemente, tendo ficado registrado a rejeição do feminismo como “extremismo”, Sirleaf se distanciou publicamente do próprio movimento que a levou a ser eleita em primeiro lugar. Em sua campanha de 2005, Sirleaf evocou agressivamente seu

gênero como uma alternativa à multidão anterior de líderes masculinos autoritários e brutais. Doze anos depois, a euforia de eleger a primeira chefe de estado feminina da Libéria – duas vezes – perdeu completamente seu brilho.

Sirleaf e outras como ela demonstraram que a assunção de um cargo político mais alto em um país não resulta inevitavelmente em igualdade de gênero. Seu legado sobre a participação política das mulheres, em particular, é caracterizado por uma abordagem individualista que trai os ganhos duramente conquistados pelos movimentos pelos direitos das mulheres em todo o mundo.

Embora a máquina da mídia internacional continue a erguer Sirleaf como a matrona dos direitos da mulher, ela é muito menos merecedora deste título. O fato de a Libéria não ter atualmente nenhuma candidata feminina viável à presidência é uma acusação gritante de seus dois mandatos no cargo.

Em um recente debate presidencial, quatro candidatas masculinas apresentaram respostas muito preocupantes a perguntas sobre como abordariam a violência baseada no gênero na Libéria. Se a primeira mulher presidente na África não foi capaz de resolver este pântano, temos pouca confiança de que o grupo de homens que disputam a presidência será bem sucedido.

Se o cenário político atual na Libéria for qualquer indicação de tendências futuras, pode muito bem passar um século antes de elegermos uma mulher (ou um homem) chefe de Estado que esteja verdadeiramente comprometida com uma agenda feminista.